



As peregrinações estrangeiras

Pode aplicar-se com verdade a designação de internacional à peregrinação que no dia 13 de Outubro findo, se realizou ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria.

Nos últimos anos, muitas peregrinações mensais, principalmente durante o ciclo do verão, mereceram esse título, mas nunca tanto como a do mês passado em que tomaram parte, alguns

romeiros isolados e numerosas peregrinações organizadas da Espanha, França, Bélgica, Holanda, Itália e Estados Unidos da América do norte.

O tempo prejudicou bastante o efeito de tão grandiosa manifestação de Fé e piedade, sem contudo impedir o fervor dos peregrinos, quer nacionais quer estrangeiros que acorreram ao Santuário a fim de prestarem as suas homenagens à Santíssima Virgem.

A peregrinação belga, composta de flamengos e valões, chegou a Fátima no dia 9. Fora organizada pelos Padres Monfortinos e

## Internacional de Outubro, 13

era dirigida pelo rev. P.º Hupert, Provincial daquela Congregação no seu país, coadjuvado pelo rev. P.º Jongen, autor de um livro sobre Nossa Senhora da Fátima nas duas línguas nacionais.

Aos peregrinos deste país associou-se uma jornalista católica

sua compatriota que chegou há pouco a Lisboa para fazer uma série de crónicas sobre a vida portuguesa.

De Espanha vieram três peregrinações. Uma procedia de Madrid e tinha sido organizada pela Junta Nacional de Peregrinações com sede na capital da nação vi-

zinha. Outra, de Tuy, era presidida pelo rev. Cónego Afonso Casas Vilanova. A terceira, de Granada, vinha sob a presidência de Mons. José Fernandes Alcoya, Prelado doméstico de Sua Santidade e pároco da freguesia de Nossa Senhora das Angústias daquela cidade.

As três peregrinações espanholas trouxeram cerca de 500 pessoas, entre as quais três crianças doentes.

De França, com licença especial do Governo daquela nação, vieram alguns grupos de peregrinos, sendo o mais numeroso o da diocese de Tolouse. Fizeram a viagem por via aérea o rev. Cónego Barthas, pároco da freguesia da Imaculada Conceição daquela cidade e grande amigo de Portugal, que tem publicado vários livros sobre a Fátima, traduzidos já em 12 línguas, e o sr. Luís Jammes, director do jornal «La Croix du Midi» e administrador da «Fatime — Editions».

### Acção Católica

## Um aniversário

Vão decorridos treze anos depois da aprovação das Bases Orgânicas pelo Venerando Episcopado. Quer dizer: A Acção Católica Portuguesa foi criada juridicamente há treze anos, e desde logo começou a realizar a sua actividade.

Cada aniversário é ocasião para sério exame de consciência. A consideração do passado deve constituir lição para o futuro.

Neste espaço de tempo, procedeu-se ao trabalho de organização, recrutaram-se elementos, elaboraram-se planos, lançou-se em cheio na vida esta nova força da Igreja.

Tudo isso representa enorme dispêndio de tempo, de energias e de dinheiro. Terá valido a pena fazer tão grande sacrifício? Porque é indiscutivelmente grande o sacrifício que, desde os Ex.ºs Prelados até aos mais modestos associados de aldeias sertanejas, milhares de pessoas fazem pela Acção Católica. Há rasgos de generosidade que só Deus conhece. Deus e também quem intensamente vive estes problemas.

Não será tudo isso trabalho perdido?

Olhando o panorama sem paixão, verifica-se haver razões para louvar o Movimento. Há muitos males que subsistem, apesar dos esforços dispendidos? Há-de havê-los sempre.

Quase vinte séculos conta a Igreja, e o mundo não é ainda um paraíso. Escândalo por isso? Que profundas e radicais alterações realizou no mundo a Igreja, nesses longos séculos que, afinal, são espaço curto na história da humanidade! Muitos dos benefícios de que hoje gozamos, foi ela que os conquistou. Que se apagasse a sua luz, e os homens recairiam na barbárie.

É apenas um elemento da Igreja a Acção Católica, e em Portugal conta somente treze anos. Exigir-se-lhe a renovação da face da terra é talvez aspiração demasiadamente ambiciosa. Haverá antes a verificar se a sua instituição é inútil, ou se pelo contrário são animadores os frutos da sua actividade.

Em cada ano é presente aos Ex.ºs Prelados de Portugal um desenvolvido relatório, em que a Junta Central resume o seu trabalho e o trabalho das diversas Organizações e dos múltiplos Organismos Especializados. São reconfortantes as estatísticas.

O público católico, mesmo sem esses elementos precisos, pode reconhecer muito do que a Acção Católica vem fazendo, em matéria de Congressos, de Campanhas, de Peregrinações, de Cursos de formação, de Retiros espirituais, de Dias de estudo.

Há um apostolado mais obscuro — o qual constitui, afinal, a sua própria essência — que lhe passará despercebido. Esse apostolado, preparado em numerosas reuniões, nada retumbantes, e exercido por perseverante acção pessoal no meio em que se vive, só por poucos é devidamente apreciado.

Em «Dez anos de Acção Católica», lúcida e vigorosa conferência pronunciada na 1.ª Decenal, Mons. Avelino Gonçalves fornece matéria abundante sobre este assunto. O ilustrado Secretário Geral da Acção Católica não faz poesia nem se perde em especulações filosóficas; aponta factos, o que é muito mais persuasivo.

Bastará a leitura dessa conferência, para se poder concluir que a Acção Católica não iludiu as esperanças que inspirou.

Muito há a fazer, muito haverá sempre a corrigir, a aperfeiçoar, e a sofrer. Mas não são inúteis os trabalhos e sacrifícios feitos. A palavra da Igreja seria suficiente para se continuar a marcha sem



PEREGRINAÇÃO DE 13 DE OUTUBRO DE 1946 — Sua Alteza a Senhora Condessa de Paris com os Príncipes seus Filhos O Senhor Cónego Barthas, de Toulouse (França)

desânimos nem tristezas. Ela manda; o nosso dever de católicos é obedecer, com generosidade e alegria.

Os resultados são consoladores. Novo motivo para que não desfalesca o nosso desejo de bem servir.

Dificuldades? Desilusões? Contrariedades graves? Onde há apostolado que não se amasse em lágrimas e em sangue, como ensina um eminente Autor?

Corajosos e confiantes, continuaremos sem hesitações o nosso caminho — que é caminho da Igreja, que é caminho de Deus.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

São ambos activos e dedicados propagandistas da Fátima no estrangeiro. Mostraram-se encantados com a sua primeira visita à Cova da Iria e projectam organizar no seu país grandes peregrinações a este Santuário.

Entre os peregrinos italianos via-se o Rei da Itália que quis guardar rigoroso incógnito.

(Continua na 2.ª página)

# A Peregrinação Internacional

Continuação da 1.ª pag.

Estavam também presentes a Senhora Condessa de Paris e seus filhos que foram hóspedes do Santuário.

Vindos de Roma, aonde foram para tomar parte no Capitulo Geral da Ordem de São Domingos, assistiram às cerimónias dois Religiosos dominicanos do Cadaná, os rev.ºs Padres Tomás M. Roudean e Bento Mailloux.

## A procissão das velas, a adoração nocturna e as Missas

A procissão nocturna, apesar de prejudicada por uma chuva miudinha e impertinente, foi bastante concorrida. E, se não teve o esplendor e a imponência da dos outros anos, em igual mês, constituiu todavia um espectáculo cheio de beleza e de encantamento.

A chuva, que começou depois a cair com abundância e durou toda a noite, em nada diminuiu o fervor dos peregrinos, pois a mensagem da Fátima é uma mensagem de oração e de penitência e sofrimento.

A adoração geral do Santíssimo Sacramento solenemente exposto primeiro no altar exterior e depois, por causa da chuva que caía cada vez com mais violência, no altar-mor da igreja, teve início à meia-noite e prolongou-se, como de costume, até às duas horas da madrugada. As alocações que precederam a recitação das dezenas do terço foram feitas pelo rev. P.º Francisco Vieira da Rosa, professor de moral na Escola Comercial e Industrial de Leiria, que falou sobre a necessidade do apostolado missionário e a paz porque todos os povos anseiam.

Efectuaram-se depois até às 6 turnos de adoração reservados de modo especial aos peregrinos da freguesia de S. João do Campo, da Capela dos Anjos do Porto, Noelistas da capital, e Minde.

A Missa da comunhão geral, às 6 1/2 horas, foi celebrada pelo rev.º Mons. Cónego Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da diocese de Leiria.

Durante toda a manhã, sucederam-se, nos diversos altares do Santuário, as Missas dos sacerdotes peregrinos.

O capelão da Senhora Condessa de Paris celebrou na capela da Casa dos Retiros.

## A Missa e a bênção dos doentes

Ao meio-dia, depois da recitação do terço e da procissão com o andor de Nossa Senhora até à escadaria, principiou a Missa dos doentes que foi resada por Mons. José Fernandes Alcoya. Ao Evangelho fez uma vibrante alocação em português o rev. P.º Jongen que disse sentir-se feliz por ter sido escolhido para cantar naquele lugar e naquela ocasião as glórias de Nossa Senhora da Fátima. Referiu-se ao mistério da Assunção que talvez ainda nos nossos tempos venha a ser definido como dogma de Fé.

O venerando Senhor Bispo de

Leiria, que presidiu aos actos oficiais da peregrinação, no fim da alocação do distinto sacerdote belga, dirigiu também a palavra aos peregrinos exortando-os a rezar pela paz em Portugal, na Espanha, na Bélgica, Holanda, França, Itália e Estados Unidos da América do Norte, visto encontrarem-se ali peregrinos dessas nações, e pela paz do mundo.

A cerimónia da bênção dos doentes foi, como sempre, em extremo comovente. Eram em número de 380 os que tinham sido previamente inscritos nos registos do Posto de verificações médicas.

Prestaram assistência aos mesmos com a maior solicitude e o mais absoluto desinteresse, além do sr. dr. José Pereira Gens, director do Posto, outros clínicos,

entre os quais o sr. dr. Alfredo Pimentel, da Abrigada.

Prestaram também os seus serviços aos doentes muitos Servitas e vários peregrinos estrangeiros, entre os quais, a dar-lhes copos de água e a proporcionar-lhes outros confortos, os Príncipes filhos mais velhos dos Senhores Condes de Paris.

A bênção dos doentes foi dada pelo celebrante da Missa. Pegou à umbela o rev. Cónego Barthas. Durante as invocações, a multidão orou pela paz em Portugal, pelos governantes da nação, pelas nações ali representadas e por todo o mundo.

O rev.º Vigário Geral da diocese de Leiria, que fez as invocações habituais, renovou mais uma vez no fim da Missa, a consagração dos peregrinos ao Imaculado Coração de Maria.

## A procissão do Adeus

Os actos oficiais da peregrinação concluíram com a procissão de despedida a Nossa Senhora, cuja imagem foi reconduzida, sob uma chuva incessante de flores, até à capela das aparições. Atrás do andor, transportado aos ombros de peregrinos estrangeiros, via-se a Senhora Condessa de Paris com os seus dez filhos, três dos quais ao colo das amas.

Pouco depois da bênção dos doentes declarou-se curada uma peregrina de S. Pedro do Sul, Maria da Conceição Ribeiro, de 35 anos, há quatro anos parálitica dos membros inferiores.

Ao verem-na erguer-se da sua maca e caminhar por seu pé, sem amparo de ninguém, os peregrinos espanhóis que estavam perto dela, num impulso espontâneo de entusiasmo, manifestaram a sua alegria e a sua admiração pela bondade e poder da gloriosa Virgem da Fátima com uma calorosa e vibrante salva de palmas.

Os actos oficiais da peregrinação terminaram com o canto do hino da coroação de Nossa Senhora da Fátima.

Visconde de Montelo

# Embaixador de N.ª S.ª da Fátima

por BERTA LEITE

Recentemente regressado do Brasil o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa disse ao pisar de novo a terra portuguesa:

«Algumas vezes fui saudado expressamente como o «EMBAIXADOR DE NOSSA SENHORA DA FATIMA». Sentia que o prestígio mundial, cada vez maior, do milagre da Fátima, envolvia a minha pessoa, e além dela a nossa Pátria.»

Muitas e notavelmente importantes têm sido as viagens do Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira através de cada continente. Sua Eminência não se furta a trabalhos nem a sacrificios tendo mesmo ousado atravessar o Oceano quando os perigos da guerra não tinham ainda cessado. Mas nenhuma se nos afigura tão honrosa para todos nós portugueses como a que acaba de levar ao Brasil a mensagem de Nossa Senhora da Fátima.

É o Brasil o primeiro a reconhecer-lo. Vejamos o que da visita do Senhor Cardeal de Lisboa disse o Brasil pela palavra justa de Pedro Calmon:

«Vêmo-lo assim; quem é e o que vale; donde e a que vem.

Vem em nome da fraternidade mais amiga, falar, ao Brasil em meios es-

colares, dos conceitos transcendententes que adornam a erudição. E vem de seu púlpito coimbrão, de seu trono patriarcal, de sua alta missão de tanto horizonte e tanta serra, com um hino de cordialidade nos lábios e a bênção nos dedos sagrados. Vale como um embaixador desinteressado do povo português no que há nele de antigo, permanente e incorruptível, isto é, na singeleza de seus costumes, na sua ternura ao Senhor de Ourique, à Senhora...»

Pedro Calmon seguiu o seu maravilhoso discurso salientando sucessivas invocações de Nossa Senhora feitas pela gente portuguesa, rematando por mencionar os santos «que dilataram a fronteira de Portugal» à flor das ondas, pelos longes climas até onde pode chegar o verbo cristão, mais ainda «do que podia a força humana...» A esplendida visão da Senhora Branca da Fátima desdobrou-se pois até o Brasil.

Já não é só nossa. Levando a Sua Mensagem ao Povo brasileiro Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa acaba de dar mais mundos ao mundo. Só assim o milagre da Cova da Iria poderia ser verdadeiramente o milagre de Portugal.



**SALDOS BARATOS!!**  
Interessam a todos!!!  
MALHAS E LAS

### SALDOS DE MEIAS E PEGAS!

Novelos lá p.º triocot ... ..	6880
Giletes e blusas lá ... ..	47850
Casacos malha lá forte ... ..	95800
Casacos c/ gola e cinto ... ..	90800
Casacos lá s/ gola ... ..	96850
Blusas lá estambre ... ..	99850
Blusas cardadas c/ barras ... ..	115800
Fantasia lá, reclame, m.uro ... ..	17800
Fantasia lá, bonitas cores ... ..	22800
Fantasia lá, bonito artigo ... ..	25850
Fantasia lá, tipo diagonal ... ..	33800
Fantasia lá, tipo crepe ... ..	34850
Veludos lá p.º casaco ... ..	74850

Armazém Populares da PRINCESA DAS MEIAS  
Rua do Crucifixo, 75, 1.ª — Lisboa  
(Próximo a N.ª S.ª da Vitória)

Flanelas sarjadas tabela ... ..	11810
Flanelas c/ florinhas, roupa ... ..	16800
Lindas flanelas p.º robes ... ..	18850
Boas fantasias cardadas ... ..	12840
Veus pretos, arredados ... ..	17850
Veus pretos bordados ... ..	21850
Lenços crepe «N. S. Fátima» ... ..	4840
Meias seda fina de 1.ª ... ..	12850
Seda fina, tipo natural ... ..	15800
Linho e seda, duráveis ... ..	24850
Tipo linho, muito finas ... ..	11850

Provincia e Ilhas Amozas Grátis e tudo a contra-reembolso!!!

### MINHAS SENHORAS!!...

aproveitem os saldos de meias que Império das Meias Av. Almirante Reis 173 B — Lisboa está apresentando!...

Meias algodão saldo ... ..	8850
• seda gase ... ..	9850 e 6850
• linho fino ... ..	12850 e 9850
• escócia forte ... ..	10800 e 7850
• seda tipo natural ... ..	19880
Soquetes escócia fina ... ..	11850 e 7850
• algodão saldo ... ..	5850
Meias seda finíssima ... ..	14850
Combinações malha seda ... ..	68800
Luzas crochet várias cores ... ..	10800

e muitos outros artigos em saldo!... Artigos tabelados, panos, toalhas, tecidos leves, pano turco etc., peça V. Ex.ª amostras do que precisar que enviamos sem demora para todo o Continente e Ilhas.

**PORQUE APARECEU N.ª SENHORA NA FATIMA?**

pelo P.º Carlos de Azevedo

10\$00

GRÁFICA — LEIRIA

**MEDALHAS COMEMORATIVAS DA COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA ASSINADAS PELO ESCULTOR JOÃO DA SILVA**



**DE OURO E DE PRATA À VENDA NO SANTUÁRIO**

**15\$00 É O PREÇO DAS LETRAS IMAN PARA BORDAR ALBUM COMPLETO**  
Letras modernas e clássicas  
Execução fácil de todos os  
— Monogramas —  
Pedidos a IMAN, Rua de Santo António, 42-2.º, Porto. Em selos, vales do correio ou à cobrança

### NOVO HORTO CONIMBRICENSE

**JOSÉ ANTONIO DIAS VIEIRA ARBORICULTOR**  
**COIMBRA CABOUÇO**  
(Casa Fundada em 1913)

Importantes viveiros de árvores de fruto, Roseiras, etc.  
Seleção rigorosa. Sanidade garantida. Catálogos grátis sob pedido.  
Autorização N.º 31

**FÁTIMA**  
Oratório de Ruy Coelho e Afonso Lopes Vieira, 20\$00  
GRÁFICA — LEIRIA

# GRAÇAS

## DE N.ª S.ª DA FÁTIMA

### AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

### NO CONTINENTE

**Dr. António Vitor Guerra**, Director do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz, escreve: «Não devo calar aos leitores da «Voz da Fátima» a enorme graça que de Deus recebi por intervenção de Nossa Senhora da Fátima.

Minha filha mais velha adoeceu com uma febre tifoide que, logo de início, se apresentou com aspecto grave. O estado febril cresceu rapidamente e, em breve, as hemorragias se sucederam, pelo que tive de receber duas transfusões de sangue.

Foi assétida, nos momentos de maior crise, por quatro distintos médicos, inextinguíveis de dedicação, jamais esquecida, não lhe tendo faltado absolutamente nada do que a ciência dispõe, nestas emergências. O seu organismo, contudo, ainda convalescente de uma pleurisia, não reagiu e a breve trecho, sobreveio o decesso.

Recebeu, consciente, os Sacramentos da Santa Igreja, e eu invoquei, então, sentidamente, o auxílio de Nossa Senhora da Fátima. Minha filha que se encontrava já na algidez da morte, sobreviveu, com a surpresa de todos, quando, na cidade corria célere a notícia do seu falecimento. Eu... estou eternamente grato à Virgem Nossa Senhora da Fátima.

**Manuel Ferreira Barreto Barbosa**, Coimbra, diz que sua irmã D. Isabel da Felicidade, fora acometida em 1937 por uma febre tifoide, seguida de paralisia nervosa dos membros superiores e inferiores, seguindo-se além disso o aparecimento de uma pleurisia. Tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima obteve a cura da irmã. Também em 1939 sua filha Maria Teresa adoeceu com o garrotinho e também foi curada, afirma, por intervenção de Nossa Senhora da Fátima. Cheio de reconhecimento vem tornar públicas as graças recebidas para maior glória da Mãe de Deus.

**A. Blaiz de Figueiredo**, Ponte de Sor, escreve: «Estando eu cheio de aflição vendo o meu Pai às portas da morte, não tendo já os médicos esperança de o salvar, recebi a Extrema-Unção. Iniciei, então, 7 de maio, uma novena a Nossa Senhora da Fátima, pedindo a graça da sua cura. O dia 13 de maio desse ano, 1940, foi dia de grande alegria para mim e para os meus, pois meu pai voltou à vida, estava curado.

Aqui venho publicamente agradecer essa grande graça que a Mãe do Céu me alcançou.

**António Pacheco**, Porto, escreve: «Em princípio de Julho p.p. (1940), adoeceu com uma bronco pneumonia e sarampo, uma menina, de dois anos e meio de idade, que tenho em minha casa. O seu estado era tão grave que o médico assistente a considerou perdida. Queria-lhe como a uma verdadeira filha e por isso voltei-me para Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura da menina. Sucedeu então que de um dia para o outro, a criança principiou a melhorar sensivelmente até com a admiração do próprio médico. Como atribuo esta graça a Nossa Senhora da Fátima, venho torná-la pública para sua maior glória.

**D. Maria de Jesus Cardoso Ferreira**, Setúbal, tendo uma pessoa de

família que durante algum tempo sofreu de uma doença mental que os médicos diziam ser de difícil cura, sofria a família horrivelmente ante a expectativa de que o doente (com 18 anos apenas) não recuperasse a razão. Embora não abandonassem os meios humanos, recorreram a N.ª Senhora da Fátima, prometendo publicar a graça e irem todos da família à Cova da Iria logo que lhes fosse possível. Efectivamente, alcançaram a graça pedida, pois o doente foi curado completamente.

**D. Isaura da Silva Gião**, Lisboa, diz que seu pai havia vários anos que se não confessava. Não passava, contudo dia nenhuma sem rezar três «Ave Marias» a Nossa Senhora. Tendo sido acometido de um ataque grave, recebeu a Santa-Unção e depois de a receber principiou a falar e a rezar. Perguntou-lhe a filha se queria confessar-se e ele respondeu que sim. Fê-lo com o maior fervor e recebeu a Sagrada Comunhão várias vezes com muita piedade, auxiliado sempre na acção de graças pela sua filha. Pai e filha esperam ir ao Santuário da Fátima agradecer a Nossa Senhora.

### Agradecem graças muitas e diversas, obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

**D. Soledade Sumavielle Soares**, Fafe.

**D. Angela Baptista**, João de Sousa Flores, S. Jorge (Açores).

**D. Elvira Augusta Morgado de Andrade**, Lisboa.

**José Garcia Tomé**, Pico (Açores).

**D. Elisa das Dores Carvalho e Sousa**, Carracedo.

**D. Elisa Poritod**, Nus (Aosta — Itália).

**D. Virginia Silveira**, Polo Alto, Califórnia.

**D. Esmeralda Soares Leal**, Ferrelra Açores.

**D. Ernestina da Silva Dias**, Porto.

**D. Maria da Conceição Morais Cerqueira**, Porto.

**D. Beatriz de Nazaré Martins**, Caldas da Rainha.

**Silvino Carreira**, Casal de Valventes, Alcobaca.

**D. Maria de Lencastre de Almeida Garrett**, Castelo Branco.

**D. Justina Lourdes Azevedo**, Norte Grande (Açores).

**António da Silva Nacho**, Castelo Branco.

**José Pedro Cardoso**, Torredeita, Viçeu.

**D. Teresa Maria Fernandes**, Vila de Rei.

**D. Maria Luísa de Moura Neves**, Abrantes.

**D. Maria da Conceição Rodrigues**, S. Pedro do Sul.

**Júlio Rodrigues da Cunha**, S. Pedro da Torre.

**D. Amélia Henriqueta Correia da Silva**, Vila Moreira.

**D. Maria do Carmo Freitas Silva**, Angra.

**D. Amélia de Carvalho Henriques**.

**D. Isaura Pina Francisco**, Lisboa.

**António Martins Alves Vitorino**, Viana do Castelo.

**Manuel Tavares de Oliveira**, Vale de Cambra.

**Manuel António Borges**, Vale de Cambra.

**D. Joaquina da Piedade**, Cabeça Gorda.

**D. Maria Augusta**, Folgosa do Douro.

**D. Sebastiana Leite e D. Eugénia Leite**, Brinco.

**Manuel Lopes Rei**, Sardoal.

**D. Maria Neves**, Guimarães.

**D. Maria Joaquina da Silva**, Cortegaça.

**D. Emília Filipe dos Reis**, Gaia.

**Januário Augusto da Silva**, Vitória (Açores).

**D. Virginia de Freitas**, Madeira.

**D. Margarida Maria de Oliveira**, Madeira.

— Sim... a praia... uma praia de movimento e de luxo. O Estoril, por exemplo, é o que convém.

— Mas quem meteria essas coisas na cabeça do pequeno?

— Cá por mim, tu bem sabes: se agora vou à Missa é porque nas terras pequenas tudo se nota e de tudo se fala. No Porto era outra coisa.

— Sim, pela tua parte estou eu descansado... Mas, e as tuas irmãs? Ele anda ultimamente muito com elas...

— Oh, as minhas irmãs também pouco se lhes dá. Não me parece que o perigo venha daí.

E os dois esposos calaram-se perplexos. O «perigo» era nem mais nem menos do que o do filho — terminado o estudo na escola primária — insistir com eles para que o deixassem, imediatamente, entrar num Seminário.

Decorreram uns minutos e o «culpado», com dois rapazitos humildes da vizinhança, entrava em pé de vento e bradava na sua voz de mimalho:

— Mãezinha... há merenda para três?

— De certo, meu filho — acudiu a senhora pressurosa — e depois temos uma surpresa... uma grande novidade a dar-te!

O Zézito corou, olhou alternadamente os pais e estes, compreendendo-o, coraram também. A surpresa, a grande novidade, não podia deixar de ser — para o pequeno — o consentimento que os pais lhe tinham negado naquela manhã. Tinha feito o exame de admissão aos liceus na ante-véspera e na véspera tinha havido um jantar de regosijo para o qual fora convidada toda a família. Naquele dia, quando a mãe lhe entrara no quarto e se inclinara sobre ele para o beijar, o Zézito, que estava já com os olhos muito abertos, agarrou-se-lhe sofregamente ao pescoço e segredou-lhe:

— Mãezinha... eu não quero ser engenheiro, nem médico, nem nada do que o paizinho disse ontem... Eu queria ser... eu queria ir... estudar para o Seminário!

Por momentos a mãe ficou sem voz.

— Para o Seminário? — arquejou por fim. Que disparate!

— Não, mãezinha, não é disparate nenhum! Então todos os Pais que nós conhecemos, e todos os outros... os Bispos, os Missionários... todos os que andam a estudar nos Seminários, são dispartados... são malucos?

A mãe olhava-o assustada. Ela bem sabia que quando o filho queria alguma coisa — fosse o que fosse — havia de a alcançar — e alcançava-a!

A culpa era dela e do marido — bem o sabia também porque sempre tinham feito «todas as vontadinhas ao menino» sem se lembrarem que ele poderia vir, como agora, a exigir algum impossível.

Sim, um impossível. O seu filho — único filho — num Seminário! O seu filho Padre! Isso estava bem para os pobres que têm muitos filhos e não sabem o que hão-de fazer!

De novo o pequeno lhe lançou os braços ao pescoço.

— A Mãezinha pede ao paizinho, sim, a mãezinha, quando quer, sabe sempre convencê-lo! Era ainda um argumento difícil de refutar.

Contudo, tanto o pai como a mãe tinham sido inexoráveis.

— Uma grande novidade?... — balbuciava agora o Zézito.

— Sim, — apressou-se a responder a mãe — vamos passar as férias para a praia!

E o pai:

— Para o Estoril! Hein?! Vamos dar uma passeata até Lisboa e pelos arredores... Sintra... que tu ainda não conheces... e depois assentamos na Costa do Sol. Isso é que vai ser festa! Combinado?

O pequeno hesitava. Há quanto tempo não via o seu grande amigo, o mar! Que saudades das

# O SEU FILHO PADRE?...

brincadeiras na água e na areia, das conchinhas, das algas, dos passeios de botel!

E depois a sua entrada no Seminário em nada ficaria prejudicada. Ele saberia teimar e, como sempre, vencer. Por então, porém, mais valia não aborrecer os pais e entregar-se todo aos seus projectos de férias.

— Pois sim, está combinado — disse resolutamente. E quando é a partida?

— Ainda esta semana!

E os pais não cabiam em si de satisfeitos.

— Mãezinha... queria pedir-lhe uma coisa...

— Tudo o que quiseres, meu amor!

— Tudo?...

O tom era levemente malicioso.

— Sim, tudo!

— Mesmo?...

— Sim... tudo... Prometo, meu querido filho!

O Zézito, de olhos perdidos ao longe no mar, sorriu, mas o seu sorriso era agora triste como nunca deveria entreabrir lábios infantis. Estendido numa cadeira de repouso, ardendo em febre, com as mãos diáfanas cruzadas sobre o peito ofegante, o rosto mímoso cercado de anéis doirados que cresciam livremente, dir-se-ia um anjo prestes a voar para a celeste morada.

— Não é nada do que pensa, mãezinha, mas fico contente de saber que, finalmente, consentiria... Não se trata disso agora... Olhe, nessa colónia de férias que chegou ontem deve estar aquele meu companheiro de escola de quem eu gostava muito — lembra-se — o João Maria. Mande lá pedir para ele cá vir, sim, mande buscá-lo...

— Imediatamente, meu amor.

E a senhora deixou a varanda recalcando os olhos. Pouco depois da chegada ao Estoril, o pequeno tinha-se constipado; em seguida uma pneumonia e agora uma tuberculose galopante punham-no às portas da morte. Tinham-no transportado para o alto da Parede, mas não havia já nada a fazer nem a esperar.

Esforçando-se por reagir a pobre mãe desceu as escadas e foi mandar uma criada à colónia. Não tinha querido separar-se do filho, não tinha querido dá-lo para servir a Deus e à Igreja e

agora a separação — para toda a vida — era inevitável. Que dor para ela, que dor para o marido que, sem uma fé esclarecida, receava todavia que a morte do filho fosse um castigo!

Momentos depois chegava o João Maria, um pobre rapazito, órfão de pai, e que, contudo, respirava saúde e alegria.

— Não te aproximes — disse-lhe o amigo contendo com o gesto a sua vivacidade. Eu estou muito doente e bem sei que isto se pega. E eu não quero que tu morras também...

— Mas tu não vais morrer! — protestou o outro, muito pálido.

— Vou, sim, mas não te aflijas. Eu vou para o Céu... Lembra-te das nossas conversas às escondidas dos outros?

Coitados... não percebiam nada disso... Nem o professor, lembra-te? E em tom mais baixo; Nem os meus pais, mas agora já começa a perceber...

— Sim... sim... — balbuciava João Maria já chorando.

— Não chores e escuta. É preciso que não desistas de ir para o Seminário. Vai tu já que eu não posso ir...

— Mas como hei-de ir, se a minha mãe não pode nada nem é capaz de arranjar quem nos ajude?...

— Espera... tenho uma ideia... Mãezinha!

A mãe apareceu imediatamente.

— Meu filho! Meu amor... ouvi tudo... sei tudo o que se passa no teu coraçãozinho. Não tenho outra vontade senão a tua. O que o João Maria precisa para os seus estudos... para entrar no Seminário... e depois... é sempre enquanto precisar de auxílio... pode contar comigo e, tenho a certeza, pode contar com o paizinho!

— Obrigado, mãezinha... querida mãezinha...

Três dias depois, no seu caixão branquinho, o Zézito parecia mais do que nunca um anjo prestes a desprender-se da terra. Junto dele, os lacrimosos pais abraçavam o João Maria e diziam-lhe que substituisse o filho querido e que eles, longe de obstarem à sua vocação, o haviam de auxiliar a perseverar nela e a realizar o seu ideal.

M. de F.

### VOZ DA FÁTIMA

#### D'ESPESAS

Transporte ... ..	3.411.886\$31
Papel, imp. do n.º 289	23.404\$60
Frang. Em. Transporte do n.º 289 ... ..	5.083\$71
Na administração ...	320\$00
<b>Total ... ..</b>	<b>3.440.694\$62</b>

#### Esmolas desde 30\$00

**Dr. António Pinto de Meyrelles Barriga**, Lisboa, 100\$00; **António Moniz da Silva**, Angra, 50\$00; **D. Maria Silveira**, Califórnia, 210\$00; **D. Ana J. Silva Carvalho**, Alandroal, 32\$50; **D. Ilda Barcelos Sobral**, Rio de Janeiro, 127\$40; **Marques do Rio Maior**, Lisboa, 100\$00; **D. Elvira A. M. Corte Real**, Avanca, 30\$00; **D. Armanda Amândoira Cantina**, Bié, 30\$00; **D. Alôra de C. Azevedo da Cunha**, Lisboa, 50\$00; **D. Leonor Melo Crispim**, Enxara de Cavaleiros, 50\$50; **D. Elvira Nunes Fonseca**, Lisboa, 70\$00; **D. M. da Conceição N. Godinho**, Torres Novas, 50\$00; **José Abreu Lopes**, Lomar, 150\$00; **Manuel Joaquim de Freitas**, Valpaços, 100\$60.

Visado pela Censura

### TIRAGEM DA

### VOZ DA FÁTIMA

#### NO MES DE OUTUBRO

Algarve ... ..	7.011
Angra ... ..	16.581
Aveiro ... ..	6.216
Beja ... ..	4.950
Braga ... ..	42.056
Bragança ... ..	6.571
Coimbra ... ..	9.416
Évora ... ..	3.765
Funchal ... ..	9.728
Guarda ... ..	9.705
Lamego ... ..	7.118
Leiria ... ..	10.029
Lisboa ... ..	12.816
Portalegre ... ..	8.299
Porto ... ..	37.055
Vila Real ... ..	15.142
Viscu ... ..	5.034
<b>Total ... ..</b>	<b>211.492</b>
Estrangeiro ... ..	3.644
Diversos ... ..	9.810
<b>Total ... ..</b>	<b>224.946</b>

## CONVERSANDO

AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS  
E O AMOR DA FAMÍLIA

As congregações religiosas, sob a aprovação e assentimento da Santa Sé, estão inteiramente consubstanciadas na vida da Igreja e como tais queridas de todos os católicos conscientes dos seus deveres.

Encontramo-las em todas as frentes da acção social a sacrificarem-se, por uma glória que não é do tempo, ao alívio das mais variadas misérias e ao sustentáculo das mais nobres aspirações, ora erguendo-se por obediência, para melhor atrair e bem fazer, aos pináculos da mais elevada ciência, na esteira dos maiores sábios e investigadores, ora abafando os instintos da própria conservação física para se dedicarem à assistência de leprosos repugnantes, de velhos egoístas, de doentes furiosos, de vadios recalcitrantes... que mais dizer?... à assistência, em suma, de toda uma escumalha perdida pelos descampados do mundo!

Onde encontrar quem as iguale ou suplante em tais extremos de abnegação?

Pois não obstante, por uma infeliz contradição da natureza humana, há quem as ataque até ao ponto de atribuir-lhes, entre outros fantasiados

defeitos, um sistemático desapêgo dos seus membros para com a família natural e para com as mais famílas por concomitância do mesmo espírito. Será, porventura procedente esta dura acusação?

Que injustiça! As congregações religiosas, — sabem-no muito bem todos os que desapaixonadamente as observam e estudam, — nunca faltam com o seu amparo moral às famílias naturais dos seus membros e, quando necessário, também com o seu amparo material. Atrevo-me mesmo a dizer que as pessoas que se separam do lar paterno para entrar na vida religiosa, são as que mais e melhor ligadas ficam às suas famílias naturais. Diferente procedimento seria ilógico. Os religiosos, abraçando com heroicidade os seus ideais, que são seguramente os do Evangelho, neste têm como preceito fundamental o amor do próximo como a si mesmos, e especialmente do pai e mãe.

Nem preciso é já invocar textos: a caridade cristã é universal!

Mas nada melhor, para fazer ver, como exemplos. Acaba de ser publicado pela Madre Ceimbra, Superiora do Instituto Feminino de Cooperação

Académica, de Lisboa, um belo livro consagrado à memória da sua saudosa e querida irmã a Madre Monfalim, que foi, desde 1919 a 1927, a provinciana das Religiosas de Santa Doroteia em Portugal; ambas descendem da ilustre família dos Marquizes de Ceimbra.

Precisamente «Madre Monfalim» se intitula o precioso livro. Das suas comovidas páginas ressaltam eloquentes notas de que o amor de família, longe de ser enfraquecido pela vida religiosa, é dignamente sustentado e bem comum dos parentes naturais e da própria congregação a que se pertence.

A vocação religiosa não afasta do lar paterno mais do que afasta a vocação para constituir família ou para colocações em economias independentes na indústria ou no comércio; são todas, para a família de origem, como variadas flores de um mesmo jardim, embebidas dos mesmos orvalhos, dos mesmos ares, e dos mesmos perfumes, que a voz do sangue sempre canta e glorifica.

E como humano é o afastamento de uns, também o é dos outros, pois todos podem cooperar, assim, para o fim comum de harmonia social, não obstante parecerem ir por caminhos diversos.

Como religiosa, a Madre Monfalim ocupou, pelos seus notáveis méritos, as situações mais representativas do seu Santo Instituto e aí entrou só quando se tornou dispensável a substituição da mãe, que cedo lhe faltou, junto dos irmãos que Deus confiou à sua guarda.

Os seus preciosos despojos jazem em sarcófago condigno na Capela do Colégio de Santa Doroteia em Lisboa como homenagem do Governo da Nação excepcionalmente decretada pelos seus serviços à Pátria e no meio da piedade do seu Instituto, de outras congregações e de sua família natural, com acompanhamento de muitos outros fiéis, como homenagem de todos pelos seus serviços à Igreja.

A sua devoção ao amor de família, porém, não derivou simplesmente de um afecto natural pela própria família, mas também, e sobretudo, da própria consciência do seu valor como núcleo de vida da sociedade em geral.

## PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)

XXII

## A FOME

Já por outras vezes me tenho ocupado do triste assunto; mas, como a filha dilecta da guerra mantém ainda grande actualidade, voltarei hoje a referir-me a ela.

Foi criado, há poucos meses, na Faculdade de Medicina de Paris um novo ensino, intitulado — *Cadeira dos Problemas Alimentares*. O novo professor, na sua lição inaugural, tratou largamente da situação do mundo, depois da catástrofe das últimas guerras. A seguir à primeira delas, estalou entre os vencidos a *doença da fome*, que vitimou um milhão de pessoas em 1919, só na Alemanha e na Áustria, não falando nas nações circundantes, onde o caso foi ainda pior. Depois disso, na Rússia e na China a mortalidade pela fome foi muito mais grave (1922-1923). A guerra civil de Espanha (1937-1938) levou mais de um milhão de pessoas,

mais pela falta de alimentação do que em combate.

Na última guerra universal, a catástrofe foi muito mais grave.

Apesar do mercado negro, que só pôde acudir às pessoas abatidas, a mortalidade dos velhos, em França, foi pavorosa, por deficiência de alimentação.

O mesmo sucedeu na Itália, na Holanda, na Iugoslávia.

Na Grécia, cuja população regula pela nossa, ao estalar a fome, alguém telefonou ao Governo: mande-nos pão, ou, não podendo ser, mande-nos calções de defuntos E, em cinco anos, morreram ali de fome 150.000 pessoas.

No fim da guerra, tanto a Rússia como na Alemanha, a ração alimentar veio para metade e, nos campos de concentração, chegou a não haver nada que comer. Foi, por vezes, tal o desespero, que aqueles desgraçados comiam a carne dos seus companheiros que iam sucumbindo.

Se as duas grandes guerras vitimaram dezenas de milhões de indivíduos, é preciso não esquecer que a insuficiência de alimentos matou mais gente que as espingardas. Acabou há um ano a guerra, mas a fome persiste em mais de metade da população. É preciso intensificar a produção dos géneros alimentícios, regularizar os transportes, baratear os produtos da terra.

Graças a Deus, apesar da nossa fraqueza, constituímos uma excepção nesta época tão calamitosa, pois não nos tem faltado o pão nossa de cada dia. Continuemos a conquistá-lo com o nosso trabalho persistente.

Mas é preciso que seja considerada como a primeira, a mais útil das classes da sociedade a classe dos lavradores. Quanto lhe devemos, e com que injustiça a temos tratado!

A. LINO NETTO

J. A. Pires de Lima

## PALAVRAS MANSAS

AINDA  
A SACRISTIA

Depois de 34 foram cônegos da Sé do Porto:

João Pedro Ribeiro, mestre insigne de Diplomática, que, no dizer de *Panorama*, teve na mão, de par com o Cardeal Saraiva, as chaves da História de Portugal; Miguel Gomes, advogado ilustre nos auditórios do Porto; Alves Mendes, orador de raro brilho e larga reputação; Conselheiro Torquato Soares da Mota, professor abalizado e colaborador eminente do cardeal D. Américo; Teófilo de Seabra, aparentado com Padre e Doutor Coelho da Rocha, que ainda hoje ensina em Coimbra, pelo sangue, pelo saber e pela modestia.

D. Teotónio Vieira de Castro, Arcebispo de Goa e Patriarca das Índias Orientais; D. Manuel Luís Coelho da Silva, Bispo Conde, de Coimbra; e D. José Correia Monteiro, Bispo de Angra.

D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria e da *Voz da Fátima*; D. Manuel Ferreira da Silva, Bispo de Gurza e D. Sebastião Soares de Resende, Bispo da Beira.

Para os mortos, a sacristia é lembrança, evocação, quase sufrágio. Para os vivos, que estão longe, passou com certeza a ser grata recordação de horas e horas decorridas numa convivência amiga e num ambiente inspirativo e belo. Por mais que nos absorva o dia de hoje, a vida, numa certa idade, é sobretudo passado.

Era linda, rica e preciosa a sacristia.

No topo, demolido agora, um altar de mármore, subjacente a um retábulo dourado, em que dominava tudo uma tocante imagem de Cristo crucificado, quase em tamanho natural, que um grande incendio miraculosamente poupou. Depois da missa do côro, em vez da conversa amena, a piedosa acção de graças. Era aí.

Do lado oposto a caixa de um relógio inglês, primorosamente estilizada e elegantíssima, que, na altura própria emoldura um quadro da Sagrada Família, atribuído por velhos guias e velhos cicerones a um desconhecido discípulo de Rafael.

Mas sem razão aceitável. As tintas conservam ainda frescura e suavidade. Integram-se bem no conjunto. Nota-se, porém, facilmente, que o rosto da Senhora tem o amarelado da época e o desenho do Menino é hesitante e imperfeito.

Junto da caixa do relógio, uma grande credência com faciais de talha vasada.

Para um dos lados, no sentido lon-

gitudinal, enormes arcades de pau santo com almofadas salientes e ferragens características. Para o outro lado, lavabos de mármore colorido, com alçados primorosos, e grandes armários-contadores embebidos na parede, com ferragens do mais fino e delicado lavor.

Sobre os arcazes, numa espécie de friso, um apostolado com figuras a meio corpo, de feições pronunciadamente hebraicas. Foi lastimavelmente repintado, quase todo, mas há ainda nele traços e pormenores que talvez denunciem a arte dos primitivos...

Consta que D. Diogo de Sousa, Bispo do Porto em fins do século XV, mandou fazer um retábulo para a capela-mór da Sé. Seriam desse retábulo estas tábuas dos apóstolos?... Que o digam os entendidos.

Sobre o friso uma larga faixa de talha rocaille, que corre por todas as paredes e se caracteriza por anjos, coroaes e grinaldas em pleno e gracioso destaque. Espelhos aqui e além com preciosas molduras e lá no alto quadros alusivos à vida de Nossa Senhora, que se recomendam mais pelo valor ornamental do que pelo merecimento artístico.

O pavimento enxadrezado de mármore de cores; de mármore também a mesa que se ergue a meio dele. Luz a jorros.

Recanto do século XVIII fiel, elegante e precioso, por onde poderia passar com toda a sua corte e sem desdouro o próprio D. João V.

Os mesmos frescos do tecto, desbotados pela intempérie e pela idade, fazem lembrar um céu enevoado sobre um jardim perenemente viçoso e florido...

Benliure, o grande escultor espanhol, de visita à Sé do Porto, mal entrou na sacristia, quedou-se, esquecido de tudo o mais, a admirá-la desejando talvez modelar dentro dela os seus derradeiros sonhos e as suas últimas obras.

Vá lá a gente prender-se muito às pobres coisas da terra! O prazer da sua posse é quase sempre amargurado pela dor da sua perda.

Vieram as obras... A Sé para aquele lado está de luto. Sente-se que o Cabido vive horas de desconsólo, de tristeza e saudade...

Permita Deus que, dentro em breve raie também para a sacristia a Páscoa da Ressurreição!

Há obras que reclamam imperiosamente amor, zelo e urgência.

Correia Pinto

## CRÓNICA FINANCEIRA

O povo dos campos, pelo menos nos países latinos, é anti-comunista de nascença, mesmo os que nada têm senão a força dos seus braços. O homem do campo é anti-comunista mesmo sem dar por isso; o indivíduo da cidade é muitas vezes comunista sem o saber. Há aqui uma diferença de temperamentos digna de nota e que vale a pena pôr a descoberto.

Sendo o chamaris do comunismo a expropriação dos ricos, parece à primeira vista que devia exercer a mesma atracção sobre todos os pobres, tanto do campo como da cidade, e de facto não é assim. Se falardes ao homem da cidade, sob qualquer pretexto, em racionamentos, tabelas, economia dirigida, e qualquer outra forma de intervenção na vida particular do cidadão, é sabido que se reis bem recebidos no geral. Se falardes a mesma linguagem ao homem do campo, ou não sereis ouvidos, ou sereis ouvidos com instintiva desconfiança. Ao homem do campo repugna-lhe que cada qual não possa dispor livremente do que é seu, mesmo que nada tenha. O homem da cidade facilmente aceita essa doutrina.

Donde vem esta diferença? Parecem-nos que de duas origens distintas, uma de ordem física, outra de ordem económica. Vejamos cada uma delas de per si.

O homem, nado e criado nas grandes aglomerações, tem naturalmente um espírito muito diferente do homem criado na liberdade dos campos e dos montes. Ao passo que aquele, desde a mais longínqua meninice, se achou confinado num espaço pe-

queníssimo, mesmo quando brincava na rua, o outro viu sempre em sua volta a largueza imensa dos horizontes sem fim, o espaço ilimitado. Um nasce logo tolhido nos movimentos pela coacção física do meio ambiente. O outro nasce em plena liberdade.

A esta diferença de meio corresponde uma diferença de hábitos maior ainda. O homem do campo passa grande parte da vida em plena autonomia, isto é, trabalhando sozinho, sem ninguém que o vigie. Não sucede assim a todos os momentos, mas sucede assim na maior parte da sua vida. O homem da cidade, pelo contrário, sente-se vigiado desde a mais tenra infância, porque nunca chega a estar só. Mesmo quando brinca na rua em pequeno se sente vigiado pela polícia.

Em conclusão, o homem do campo nasce e vive em condições tais que desde a mais tenra infância o habituam a ser livre e responsável. Ainda que não queira, o homem do campo é particularista. Pelo contrário, o homem da cidade vê-se forçado desde nascença a criar hábitos de vida em comunidade apertada, e faz-se um espírito comunitário sem dar por isso. Ora, o espírito comunitário é o caminho mais curto para chegar ao comunismo.

A primeira razão que faz do homem da cidade um espírito disposto a aceitar todas as formas de coacção económica e social e do homem do campo um inimigo nato de qualquer delas, é esta. Mas há ainda outra, de ordem económica.

O homem de campo sabe muito bem que a vida do homem das cidades depende imediatamente do trabalho das suas mãos, porque tudo que nas cidades se come vai dos campos, nossos ou alheios. É verdade que o homem de campo recebe em troca dos frutos do seu trabalho, coisas igualmente necessárias, como vestuário, calçado, medicamentos, substâncias alimentícias que vêm de longe, etc. Mas não é menos verdade que o homem de campo, com o que tem em casa, e com o que colhe dia a dia, se pode manter durante anos. E o homem da cidade não o poderia fazer durante dias. O homem de campo sabe isto muito bem e quando o homem da cidade lhe vem com cantigas, está de pé atrás, desconfiado de que o queiram embaciar. E não se pode dizer que não tenha razão.

PACHECO DE AMORIM

ALMANAQUE E CALENDÁRIO  
DE N.ª S.ª DE FATIMA  
PARA 1947

Cada exemplar, quer de um quer de outro, 1\$50. Dez exemplares pelo correio 13\$50.

Dirigir pedidos acompanhados da respectiva importância em selos ou vale do correio para a Administração da revista «Stella» — Cova da Iria (Fátima). Ambos se encontram à venda também na Gráfica de Leiria, na Casa do Imaculado Coração de Maria, Rua do Loreto, 34-s/loja, Lisboa, na Casa de Santa Teresinha, Praça de Almeida Garrett, 32-1.º andar, Porto, e no Santuário da Fátima.